

Amigo: só hoje me foi possível dar uma resposta à tua carta.

Antes do mais quero tornar claro que não desejo dar a esta polémica um cunho pessoal, e que por isso, encarando-a apenas à luz dos interesses do Partido, não tomarei em linha de conta tudo quanto na tua carta me possa dizer respeito a título pessoal. Em contrapartida não poderei deixar de apreciar os teus juízos enquanto, ao emiti-los feres o próprio Partido.

Assim, ao apreciares a carta que te escrevi, tu não quizeste reconhecer nela os intuitos apregoados, isto é, um elemento para a tua autocrítica ou, pelo menos, a base sincera para uma discussão crítica e não quizeste reconhecer que fosse o acto espontâneo do militante do Partido que critica dentro do que julga ser a boa doutrina marxista e partidária e com o único objectivo de servir o Partido. Foste ver no acto em si a necessidade de eu indirectamente me autocriticar pelo facto de até há bem pouco tempo estarmos inteiramente de acordo quanto ao papel da cultura na luta política e ao do Partido perante a cultura e ele viste também o intuito de eu me ilibar perante o Partido de qualquer concordância com um intelectual com os orgulhos e os vícios da formação individualista pequena-burguesa.

O que significam estas afirmações? Como imagem da realidade não significam coisa nenhuma. Como ideia que se faz da realidade tem um grande significado. Não significam coisa nenhuma como imagem da realidade pelo seguinte: As minhas ideias quanto ao papel da cultura na luta política e ao do Partido perante a cultura mantem-se exactamente as mesmas que eram.

Sempre advoguei e advogo que o Partido visse e veja na acção ideológica consequente literária ou artística uma verdadeira acção política. Sempre advoguei e advogo que na distribuição das tarefas políticas, se tivesse em atenção já ou essas tarefas literárias e artísticas, quando ideologicamente consequentes para não sobrecarregar os intelectuais com tarefas que eles não podem cumprir. Sempre advoguei e advogo que o Partido não seja indiferente em matéria de estética e que há uma estética do Partido. Que devem por isso ser considerados adentro do trabalho político, com os seus equivalentes, a acção literária, a acção artística, a crítica ideológica às obras alheias e próprias, e toda a longa preparação de estudo que tornem possíveis acção e crítica.

Nunca pensei que os intelectuais por este facto se devessem eximir a fazer causa comum com os outros homens nas tarefas propriamente políticas, na organização dos movimentos políticos, na defesa ~~XXXXXXXXXX~~ da paz.

Antes de tudo nunca pensei, repudio o mais violentamente possível a ideia de que um intelectual marxista deva, sob que pretexto for, considerar como melhor posição estar fora do Partido, do que se encontrar no Partido. Sendo eu também um intelectual pequeno-burguês, com os orgulhos e os vícios da formação individualista pequeno-burguesa (como infelizmente somos quase todos e não só tu, pois vivemos em pestilencial contacto com uma atmosfera perniciososa que chega a contaminar elementos mesmo do Povo), nunca tive de repreender-me do erro de pensar que não seria no Partido e pelo Partido que os intelectuais poderiam ser mais úteis à própria cultura. A minha experiência política junto dos intelectuais, a tal análise objectiva que tu pedes para que se compreenda a tua decisão, nunca me levaram a pensar que fossem incompatíveis e não pudessem ser simultaneas as tarefas da cultura e as políticas as iniciativas culturais e a organização nos movimentos ilegais e legais. Pelo pouco que se conseguiu fazer eu até concluo o muito que se poderia fazer, combinando todas estas formas de luta, se os quadros dos intelectuais tivessem sido autenticos quadros do Partido, se todos se esforçassem e conjugassem

sem os esforços, se integrados no Partido tivessem trabalhado partidarmente dentro e fora do partido. Foi a tal falta de uma autentica e séria organização, foi a falta de autenticos e sérios elementos organizados, foram a indisciplina partidária, o mau trabalho partidário, o individualismo e comodismo intelectual, a vaidade, os desvios que levaram alguns a serem afastados do trabalho e outras e outras sanções, foi em suma a própria tendencia dos quadros para a anarquia que tornaram impossivel a acção complexa que realmente poderiam ter levado a efeito. As falhas vieram não da organização mas de não ter havido autentica organização.

A autocritica do Partido deve incidir especialmente nestes aspectos de orientação mas em aspectos de organização.

Assim se as minhas ideias se mantem as mesmas e, pelo que penso não estão em desacordo com o que foi e é a orientação do Partido, não tenho de me autocriticar perante a organização do Partido e muito menos a ilibar-me de culpas. De resto, se eu me tivesse que autocriticar, já me tinha autocriticado e não seria a carta o instrumento da minha autocritica mas quando muito o resultado das ideias a que tinha aderido com a minha autocritica, visto que a autocritica significa a sincera adesão à critica, a convicção profunda de que a posição que se combatia é que é a justa e que por isso deve ser seguida. Como imagem da realidade as tuas afirmações não significam por isso coisa nenhuma.

Mas bem diferente é o sentido que tem como ideia que tu mesmo fazes da realidade.

Tu que dentro do Partido sempre tiveste toda a independencia critica para manifestares a tua opinião e combates por ela, tu que sempre viste no Partido a disciplina, sim, mas também a independencia de critica, ao apreciares a minha carta parece esquecer tudo isso, e falas de tal forma que irresistivelmente me vem à ideia aquela opinião que alguns tem do Partido: de disciplina cega, de automatismo, de sacrificio da personalidade, tudo pelo ideal, claro, mas tudo também errado.

Na verdade mesmo na hipótese de autocritica ou a minha carta seria o fruto de uma autocritica natural e sem coacção, feita no Partido e numa atmosfera de análise critica e de independencia critica, e nesse caso o ser ou não autocritica em nada interessa, para o debate, ou seria o fruto de autocritica, resultado por sua vez de coacção feita pelo Partido, de falta de independencia de opinião dos membros do partido, por ditadura de ideia dentro do Partido. Se no Partido existisse uma atmosfera de liberdade de critica, de estímulo à afirmação de opiniões livres é evidente que eu não necessitaria de fazer acto de contricção numa carta a um camarada; se a atmosfera não fosse viciadora do caracter, eu não escreveria aquilo com que estaria em desacordo; se não fosse atrofiadora da inteligencia por falta de independencia critica, eu não aceitaria sem reflexão; se não fosse perseguidora da opinião livre eu não escreveria a carta para me ilibar de responsabilidades e prevenir eventuais sanções.

Assim, nisto não me defendo, mas ao Partido. Defendo o Partido que pede a todas as bocas que se abram, a todos que deem a sua opinião; que estimula através da sua imprensa e de todos os seus organismos a que a critica se faça de cima para baixo, como de baixo para cima, a que a critica e a autocritica se exerçam continuamente pois elas são as armas mais fortes do Partido.

Fiz-te pois uma critica de camarada a outro camarada, susceptivel evidentemente de erro de apreciação e que por isso poderia ser contraditada no todo ou em parte. Critiquei com a necessária severidade as ideias que me parecem merecer uma severa critica. No Partido usa-se a critica franca e sem eufemismos. No entanto não te foram feitas acusações que tu não confirmasses na tua resposta.

Realmente tu estás enganado quanto ao verdadeiro alcance da

das formas de luta por ele criadas, o pensamento das massas, e elevar
 minha carta. Esta não visa "desmascarar-te", mas desmascarar sim os
 erros de algumas das tuas ideias e da tua posição; não visa ameaçar-te
 mas precaver-te contra as ameaças que contra ti impõem pela pró-
 pria posição em que te colocas. É ridículo que ao ouvires falar em
 intelectuais com os vícios e orgulhos de formação pequeno-burguesa,
 tu penses logo que isso só se refere a ti e ainda que é ofensivo.

É estranho que dês um salto por eu dizer que é a seriedade do in-
 dividualismo intelectual que canta aos teus ouvidos no próprio momen-
 to em que pedes para passar a simpatizante precisamente por te parece-
 rem mais seguros os teus juízos individuais do que os juízos colectivos
 dos organismos do Partido quanto à actuação que é mais conveniente a
 um intelectual, esquecendo as palavras preferidas por Staline numa
 entrevista a um escritor alemão: "Pela experiencia de tres revoluções
 nós sabemos que aproximadamente em cada 100 decisões tomadas por uma
 pessoa só - decisões não controladas e corrigidas colectivamente é
 a 90 faltam objectividade." (cit. por Boris Tchechko in "A concepção
 dos direitos do homem na URSS segundo os textos oficiais").

É só porque eu cito o exemplo de Jean Cassou como um perigo li-
 mite de todos aqueles ~~ant~~ escritores antes progressivos que deixam
 afastar do contacto com a prática do trabalho de organização política,
 logo tu clamas que eu te acuso de estares a caminho da traição.

Ora, vamos por partes: é verdade que eu critico as tuas posições
 actuais. Mas nem desespero de uma correcção delas futura, nem penso que
 fora do Partido tu não possas ter uma actividade progressiva.

Discordo do que disseste acerca do trabalho cultural ou dos tex-
 tos que apresentaste? Sem dúvida nenhuma que não e tudo isso é preciso
 Mas há e outra verdade. A outra verdade que te esqueciste de ir bus-
 car aos textos e que é necessário justapôr para ficar marxismo certo,
 autentico marxismo-leninismo; porque não há marxismo-leninismo trunca-
 do. Na verdade todos os textos se referem à actividade cultural dos es-
 critores; nenhum se refere à actividade política; nenhum exclui expres-
 samente os escritores das formas de actividade política; nenhum se re-
 fere à organização partidária ou política dos escritores, nenhum se re-
 fere a quaisquer formas especiais que deva revestir tal organização.
 Só a resposta dada por tais camaradas a estes últimos problemas na
 situação especial dos seus países e das respectivas épocas podiam ter
 de certa maneira interesse para confrontar com a tua posição na actual
 situação portuguesa e na época que atravessamos. Assim tu não fazes
 mais do que uma montagem de textos relativos ao assunto que te interes-
 sa; demonstrar o que há muito está demonstrado: a importancia da acti-
 vidade cultural; mas não fazes uma análise nem uma demonstração segundo
 o método dialético pois nem sequer abordas o problema da organização
 e actividade política propriamente dos escritores e intelectuais e nem
 indicas o pensamento de tais camaradas sobre este assunto.

Ora os escritores e os intelectuais dos países que citas, coe-
 rentemente marxistas, estão dentro dos respectivos partidos operários,
 seguem a orientação e submetem-se à disciplina desses partidos. To-
 dos eles exercem uma actividade cultural, mas todos eles realizam os
 trabalhos políticos que os seus partidos lhes cometem. Eles sabem que
 não podem acompanhar o pensamento das massas se lhes não estão ligados
 pelos elos da organização política e de acções comuns de natureza po-
 lítica.

Um escritor desses em Portugal facilmente compreenderia que lhe
 era necessário tomar parte no MND, participar da organização do Mo-
 vimento em Defesa da Paz; que lhe era necessário estar dentro desses
 movimentos não somente para ajudar directamente a sua acção mas também
 para os compreender no seu próprio desenvolvimento, ou seja para com-
 preender o próprio desenvolvimento da luta do povo português, o valor

das formas de luta por ele criadas, o pensamento das massas, e elevar assim o seu nível político e ideológico, a sua capacidade de compreensão da vida e do curso da história do seu Povo, e como consequência a sua capacidade de análise como escritor, a riqueza dos seus temas e dos materiais das suas obras de forma a que estas possam vir a ser o espelho fiel da vida da sociedade e do povo português da época que atravessamos.

Na verdade, porque acontece que perante vários actos e factos da vida nacional as massas reagem de acordo com a orientação do Partido e grande parte dos intelectuais não? É porque a orientação do Partido não é justa e as massas estão atrasadas e são os intelectuais que estão certos?

Não. Ao contrário, o pensamento das massas é que está mais evoluído do que o dos intelectuais sob o ponto de vista sob o ponto de vista político e por isso ele está de acordo com o Partido.

Porque é que as massas estão mais evoluídas? Porque elas se dão todas à organização e à luta. Porque em vez de estar só a pensar o mundo, elas tomam como tarefa transformá-lo.

Se os intelectuais não acompanham as vastas lutas de massas e por isso a organização necessária a essas lutas, eles não compreendem o pensamento do povo e o autentico valor dessas lutas.

As lutas são tais, as tarefas são tais, que esses são os primeiros elementos com que se tem de entrar em linha de conta para analisar concretamente a situação. O Partido entra em linha de conta com a grandeza dessa luta e tarefas para exigir a acção organizada em defesa da democracia e da Paz aos intelectuais.. Fazendo isto esquece a cultura? Não. O Partido sabe que, apesar de todas as dificuldades, os intelectuais que o queiram, de um modo geral, podem trabalhar num e noutro campo. O que acontece com mais frequencia é que nem num nem noutro trabalham. Se tu visses as coisas com a objectividade de que falas, se tu realmente te socorresses da experiencia sofrida, constatarias facilmente que certos intelectuais não trabalham nem no Partido nem fora dele e que algumas acções culturais só se tornaram possíveis por um árduo trabalho político, por um árduo trabalho de organização, por uma luta porfiada do Partido. Repara bem: do Partido. Foi preciso o trabalho colectivo do Partido, foi preciso atar as coisas do lado do Partido, foi preciso trabalhar como membro do Partido para que certas acções culturais se fizessem.

Tu dizes que eu sei perfeitamente que tu tens confiança na Direcção do Partido e no Partido, que tens confiança na luta do povo português. Sei porquê? Porque a tinhas? Porque dizes que a tens ainda?

Mas se assim é, porque quizeste deixar o Partido? A confiança no Partido não é a confiança na acção da crítica e autocritica dentro do Partido, no seu aperfeiçoamento por via disso, na possibilidade de se fazer vingar a linha justa não só de uma forma geral, mas aplicada aos casos particulares?

Se tu achas que os intelectuais do Partido devem dedicar-se inteiramente à actividade cultural, não pensas que coerentemente como marxista devias ter querido ficar no Partido para lutar por essas ideias justas dentro do Partido, para que o Partido seguisse uma linha justa quanto aos intelectuais. Se tu quizeste sair porque o Partido não seguia uma linha justa quanto aos intelectuais, longe de lutares por essa linha justa, afastas-te dessa ~~lin~~ mesma linha justa onde ela se torna mais necessária. Ora, o que é que afinal está em jogo? O caso dos escritores, o caso dos intelectuais do Partido ou o teu caso? Eu sei que tu não tens confiança no Partido e na sua Direcção, porque apesar de afirmares que a tens, mostras com estes e outros actos que essa confiança não é real. Tu não tens confiança na dedicação, na honestidade, no espirito da luta dos camaradas; tu subestimas a capacidade

de intelectual dos camaradas, o seu espírito crítico, o papel da crítica e da autocritica no Partido, a importância do trabalho que estão realizando. A tua carta aliás é claríssima a esse respeito. Tu dizes que com algum alarme estás vendo proliferar excessivamente à nossa volta a crença cega a substituir o raciocínio dialético.

Tu denuncias como um dos perigos que ameaçam hoje o Partido Comunista Português, o espírito anti-crítico, de subserviência ideológica, esquemático, primário, anti-dialético.

Tu que realmente pensas que a acção cultural é tão importante, a ponto de abandonares o Partido para inteiramente te dedicares a ela achas no entanto que a Direcção do Partido não tem uma compreensão dessa importância.

Tu creio que esta é uma das maneiras de não ter confiança no Partido, porque quando falamos em confiança no Partido é no Partido no momento presente e de acordo com as necessidades do presente.

Ora um Partido com estas deficiências, embora certamente possa vir a superá-las, não está à altura no momento das tarefas que tem de resolver, visto que está a deixar-se invadir pelo que mais precisa de se defender, o espírito acrítico, e não sabe utilizar os seus quadros intelectuais quando de todos precisa. A falta de confiança no Partido não se conclue apenas das afirmações feitas; conclui-se da circunstância de tais afirmações não corresponderem em nada à realidade. Assim a falta de confiança não provém de erros do Partido, mas precisamente de tomares como erros as ideias e posições justas do Partido.

O Partido está exercendo exactamente uma acção crítica profunda. A acção crítica do Partido exerce-se para fora e dentro do Partido. Para fora é a crítica do fascismo português, a crítica do imperialismo e fomentadores de guerra, a crítica de todas as correntes aliadas do fascismo e imperialismo que tem de ser combatidas. É na acção prática a crítica da passividade, do pessimismo, do oportunismo, de todos os obstáculos à organização da luta em defesa da Democracia e da Paz que de muitos lados se levantam. Dentro do Partido é também a crítica do oportunismo, a expurgação de ~~XXXXXXX~~ elementos oportunistas ou vacilantes a maior vigilância revolucionária, o estímulo a toda a crítica e autocritica. A crítica ideológica, a crítica e autocritica no Partido tem sido dia a dia mais fomentadas, e é mercê desse exercício crítico ~~XXX~~ constante que o Partido tem ajudado a imprimir uma linha justa, mas ferozmente combatida, ao movimento democrático e ao movimento em defesa da Paz.

Os oportunistas expulsos do Partido e de outras organizações democráticas clamam contra o espírito anti crítico de subserviência ideológica dos militantes do Partido e dos ~~XXXXXXXXXX~~ membros de outras organizações e estão no seu papel. Os vacilantes e incapazes mostram-se também impenetráveis à compreensão da linha do Partido como de outras organizações progressivas, nas suas posições receosas accimam de "esquerdistas" ou de esquemáticos os verdadeiros defensores da democracia e ~~XXXXXX~~ da paz e também estão no seu papel.

Estão no seu papel todos quantos afirmam que hoje ameaça o Partido o espírito anticrítico, de subserviência ideológica por razões de combate ou de medo. Mas este conceito não está de acordo não apenas com um militante do Partido, mas também com um simpatizante do Partido. O mais estranho em tais afirmações não é que tu as profiras quando menos razões há para isso, mas quando menos conhecimento de causa podes ter pois de há larguíssimos meses que não tens estado ligado a um trabalho do Partido, não privas com os camaradas partidariamente nem tens tido discussões em organismo colectivos do Partido.

Antigamente tu defendias que era necessário encontrar formas de organização diferentes para o desenvolvimento dos quadros dos intelectuais. Mas nunca defendeste a ideia de que os intelectuais deviam ser

simpatizantes, que nas condições actuais do Partido não podiam actuar como militantes. Aqui está o teu erro essencial, aquele para o qual não há nenhuma citação que valha. Não há nenhum partido operário nem nenhum militante esclarecido que possa aceitar, sob que pretexto for, que num Partido experimentado na luta, que se tem sabido manter fiel ao internacionalismo proletário e resistir aos golpes mais desaptedados do fascismo, um intelectual tenha de abandonar para servir a cultura.

O teu dever, dir-te-iam Militão, Jdanov, Pereira Gomes ou Mao-Tse-Tung seria de lutar até ao fim dentro do Partido pelo que julgavas ser uma posição justa, mantendo as tuas ideias enquanto elas te parecessem as mais justas e tu próprio não te convenceses do contrário. A tua atitude, dir-te-iam, representa uma deserção. Nenhum comunista foge das dificuldades de correcção ideológica do Partido, quando pensa que existe meios. Se há erros de organização, se pensa que os moldes de organização devem revestir esta ou aquela forma, bate-se por essas transformações até que a experiência demonstre aos camaradas a sua razão. No entanto também te diriam que estás enganado se imaginas que as formas de organização partidária dos intelectuais possam ser substancialmente diferentes das formas de organização dos outros camaradas. A base em todo o lado é o tipo de organização de trabalho colectivo; a célula do Partido. O Partido sendo ilegal, todo o trabalho de organização de célula tem de ser rigorosamente clandestino, tem de ser rigorosamente conspirativo, rodeando-se os camaradas de todas as precauções para os seus encontros e reuniões, defendendo a sua situação conspirativa.

Em tais organismos do Partido estudam-se todas as possibilidades que os camaradas tem de lutar para a realização das várias etapas para a marcha do socialismo. Estudam-se por isso os meios específicos à profissão e às actividades especiais dos camaradas e estudam-se também os métodos de luta geral, comuns a todos os camaradas. Uma célula de empresa não actua apenas relativamente aos problemas imediatos da empresa, actua relativamente a todos os problemas políticos, faz desses problemas problemas da empresa. Da mesma maneira tem de proceder uma célula de intelectuais. A disciplina, num organismo do Partido, qualquer que ele seja, tem de ser a disciplina proletária. Isto é a disciplina que resulta da ideia que o Partido tem de ser um todo coeso e que nele não se podem abrir divisões de orientação e acção. Assim nada deve ser substancialmente diferente na organização partidária dos intelectuais da organização partidária dos outros camaradas. A luta legal é que reveste, ao lado das formas iguais ou semelhantes, algumas formas diferentes. Na luta legal é que os camaradas não devem utilizar métodos clandestinos; aí devem trabalhar abertamente, sem o receio de se exporem quando em convívio com as massas. Simplesmente porque eles tem a sua vida conspirativa de Partido, precisam de combinar perfeitamente a acção aberta com os cuidados conspirativos. Precisam de que, enquanto agem legalmente não se esquecer de que trabalham clandestinamente no Partido e que devem ter sempre presente nos olhos a defeza conspirativa como quadros. Tens uma ideia errada por isso quando opões o conspirativismo ao trabalho legal aberto e franco. Os camaradas operários também realizam trabalho legal aberto e franco e ao mesmo tempo rodeiam-se de cuidados relativamente aos organismos do Partido em que trabalham enquanto quadros do Partido. Porque nenhuma camarada dentro do Partido pode fazer só um trabalho legal; se é legal a actividade de que o Partido o incumbe, ilegal é todo o trabalho em relação com a própria célula a que pertence. O exclusivismo do trabalho legal só pode existir por isso quando o próprio Partido for legal, quando vencermos a luta pela legalidade. Assim se as formas de organização e trabalho político são substancialmente as mesmas, o que haveria a corrigir nos moldes de organiza-

ção, no caso de haver a corrigir seria bem pouco e esse pouco não pode explicar que tu preconizasses para os intelectuais do Partido a situação de simpatizantes no momento presente. Tu nesta tua carta não falas que é esse o teu pensamento em geral; pelo contrário tu falas na necessidade de organização e disciplina mas tu exprimiste-me essa ideia com absoluta clareza no nosso encontro e quanto ao teu caso dá-lhe a mais completa expressão prática. Ora os simpatizantes, tu sabes, como aliás eu já precisei bem em carta anterior que não estão obrigados à disciplina partidária, que não estão obrigados a seguir a orientação do Partido e a sujeitar-se às decisões do Partido, mesmo realizando tarefas de interesse partidário, eles podem contrariar o Partido sem que o Partido lhes possa pedir cumprimento do que se tiver decidido. A um simpatizante o Partido põe a sua ~~posição~~ posição e discute-a com ele, como um camarada, mas se o simpatizante discordar dela, pode tomar a posição que entender depois disso, pode discordar publicamente dela, pode-a contrariar sem que o Partido possa fazer mais do que procurar corrigi-lo, fazê-lo ver os seus erros. As faltas de encontros, as faltas conspirativas, a não realização de tarefas, se podem ser criticadas, não podem ser sancionadas pelo Partido e esta situação torna precário o trabalho dos simpatizantes, torna perigoso o trabalho do Partido. A diferença entre o militante e o simpatizante obriga a uma diferença enorme de grau de responsabilidade. Por isso o preconizar a passagem dos militantes intelectuais a simpatizantes significa um grande erro ideológico, significa preconizar o retrocedimento da organização dos intelectuais de um estado de organização embora deficiente, mas que pode ser corrigido para um estado de desorganização sem correção possível.

Definindo o Partido, segundo o conceito de Lenine, a História do Partido Comunista Bolchevique da URSS diz: "O Partido não é só a vanguarda, o destacamento consciente da classe operária, mas também o destacamento organizado da classe operária, com a sua própria disciplina obrigatória para os seus membros. É por isso que os membros do Partido devem obrigatoriamente aderir a uma das suas organizações. Se o Partido não fosse um destacamento organizado de classe, nem um sistema de organização, mas uma simples soma de indivíduos que se proclamam a eles próprios membros do Partido sem aderir a nenhuma das suas organizações; e que por consequência não estão organizados, e assim não se encontram obrigados a submeter-se às decisões do Partido e o Partido não teria nunca uma vontade única, nunca poderia realizar a unidade de acção dos seus aderentes; por consequência ser-lhe-ia impossível dirigir a luta da classe operária e orientá-la para um único fim senão desde que todos os seus membros estejam organizados num só destacamento comum, cimentado pela unidade de vontade, pela unidade de acção, pela unidade de disciplina. (pag. 44 da ed. francesa).

Combatendo a posição dos mencheviques que afirmavam que, em tal caso, numerosos intelectuais, como por exemplo, professores e estudantes, ficariam fora do partido, pois não queriam aderir a esta ou aquela das suas organizações, fosse por a disciplina do Partido lhes pesar, fosse porque considerassem uma humilhação para eles aderir a esta ou aquela organização local, Lenine declarou: "Se digo que o Partido deve ser uma soma (não uma simples soma aritmética, mas um complexo de organizações) exprimo com isso de uma forma absolutamente clara e precisa que desejo e exijo que o Partido, como vanguarda de classe, seja uma coisa o mais possível organizada, que o Partido não receba senão elementos susceptíveis de um mínimo de organização..... Em palavras, a forma de Martov defende o interesse das largas camadas do proletariado; de facto esta fórmula servirá os intelectuais burgueses que temem a disciplina e a organização proletária. Ninguém ousará negar que o que caracteriza, de uma maneira geral, os intelectuais pequeno-burgueses

enquanto camada particular nas sociedades capitalistas contemporaneas e justamente o individualismo e a inaptidão à disciplina e à organização..... O proletariado não teme a organização, nem a disciplina..... O proletariado não se preocupa que os senhores professores ou estudantes que não desejam aderir a uma organização sejam reconhecidos membros do Partido, porque trabalham sob o controle duma organização.... Não é o proletariado, mas certos intelectuais do nosso Partido a quem falta self education quanto à organização e à disciplina. (cit. na Hist. do P.C.B. da URSS, pag, 45)

Estas afirmações de Lenine conservam toda a validade actualmente e applicam-se muito justamente à situação portuguesa.

Muitos intelectuais do Partido, cada vez menos capazes de se adaptar ao tipo de organização e à disciplina do Partido, cada vez menos capazes de compreender o Partido, e a sua organização, à medida que o Partido se fortalece e exige uma ~~активна~~ actuação mais coerente aos membros do Partido, vão-se afastando cada vez mais do Partido, vão-se aproximando cada vez mais do conceito menchevique combatido por Lenine.

Longe de entenderem que não pode haver distinção entre ~~критика~~ quadros intelectuais e quadros operários no Partido unificado e de uma só vontade, eles cada vez pretendem um lugar mais especializado a ponto de destinarem que os seus meios de acção são só os meios de acção cultural. Porque o Partido não considera isto válido, porque considera que a acção da cultura não se pode separar das formas de organização e acção política, não apenas no Partido, mas nos próprios intelectuais, estes supondo-se seguros de um espírito crítico superior à crítica do Partido, afinada nos mil aspectos da realidade, chamam contra a ~~критика~~ tal falta de compreensão do Partido no campo da cultura. Na realidade esses intelectuais - e é o teu caso - não compreendem o que seja uma autentica cultura marxista e como ela se forma; é que não compreendem que na base da cultura autentica, na chave da compreensão de tudo quanto se passa, está a cultura politica e que esta se adquire não somente na leitura dos textos ~~критика~~ mas na prática diária da acção e luta politica, no desenvolvimento dos movimentos politicos do nosso povo, e que a melhor escola de raciocínio politico e ideológico é o Partido. O Partido não luta apenas tendo como objectivo a cultura. O Partido educa o pensamento dos seus quadros e do povo, dá-lhes um conteúdo ideológico, prepara-os para a acção pratica, fornecendo-lhes assim o mais importante substracto de cultura que falta aos intelectuais. Os intelectuais separados do Partido criando cultura marxista é uma irrisão. O primeiro acto de incultura marxista é o afastamento do Partido. Este tem implicito para a sua formação muitos outros erros de apreciação marxista.

Este tem em potencial muitos outros erros futuros. São erros destes que se estão agora manifestando de uma forma concreta e com perigo para a unidade dos democratas relativamente ao jornal LER. Certos escritores democratas, apesar de terem sido alertados para os perigos politicos que a colaboração em tal jornal faz correr, desprezando a confusão que o jornal provoca no espirito dos leitores bem intencionados, desprezando as vantagens que os oportunistas tiram da confusão, julgando-se com conhecimento superior das circunstâncias, ao conhecimento que tem as organizações democratas das condições e das pessoas, com a vã ideia de que através do jornal podem ter uma importante acção cultural, entraram numa plataforma de colaboração com os ~~фашисты~~ fascistas dos estílo de Delfim Santos, António Quadros, Joaquim Faço de Arcos e Augusto da Costa, preparada pelos oportunistas, misturam-se com esses oportunistas, com os sabotadores da unidade e os inimigos das organizações democráticas com Piteira Santos, António Sérgio e Jaime Brasil, e ajudam que se leve até às massas, para quem eles são o chamariz, a subversão de valores, que

fascistas e oportunistas pretendem fazer, entretendo-se a ~~discutir~~ discretar sobre assuntos ligeiros enquanto os fascistas e oportunistas e sabotadores tomam conta das comemorações dos centenários de Leonardo de Vinci e Victor Hugo e ~~xx~~ realizam a acção ideológica que podem fazer ~~xxx~~ Indo no engodo da cultura eles estão na verdade fazendo o jogo inconsciente do S.N.I. que dirige o jornal pelo condicionamento e orientação da Censura dos fascistas contra a cultura, genero Augusto da Costa, famigerado escriba que se notabilizou pelas campanhas para a supressão de jornais independentes, dos oportunistas, como Piteira Santos que misturando-se aos democratas, perante o público procura fazer-se acreditar como não sendo um inimigo da unidade, dos socialistas da 3ª força, como António Sérgio, que se tem evidenciado pela ~~xxxxxx~~ acção de sabotagem da unidade democrática.

Esses exemplos de falsas posições para onde tais intelectuais caminham precisamente por lhe faltar estar ligados a organizações de carácter político onde fossem estudados a uma luz de apreciação colectiva os perigos políticos que adviriam das mesmas ~~xxxxxxxx~~ posições. Isolados, decidindo com indivíduos sem ligação aos movimentos políticos, tais intelectuais esqueceram a íntima conexão de tudo e assim que hoje em dia com a agudização da luta pela democracia e pela paz, com a agudização da crise geral do capitalismo, os fascistas se servem de todos os meios para confundir, desunir, afastar da luta política, e isolar as várias classes e actividades, e se procuram aproveitar especialmente dos oportunistas expulsos do Partido e de outras organizações democráticas para atacarem o Partido e essas organizações, para chegarem pela confusão, através de uma acção desta natureza torna-se tudo baralhado e desta forma os intelectuais democratas ajudam a reacção. Um intelectual marxista também ~~xxx~~ pode cair em posições desta natureza se se afastar do Partido para actuar como simpatizante, se como simpatizante desprezando a voz colectiva do Partido der ouvidos à sua própria voz ou aos ecos da sua voz nos indivíduos do mesmo tipo também desligados da acção política também numa posição de afastamento do Partido ou de outras organizações democráticas. E no entanto, se o fizer, se ouvindo a voz do Partido perseverar, ele ajudará também a reacção, passará do campo da democracia ao campo da reacção, por mais honesto que se julgue ele fará o jogo dos oportunistas e o Partido deixará de o poder ver como um marxista amigo.

Estes exemplos poderão ajudar-te a compreender os erros de apreciação marxista que podem vir a resultar do erro inicial de se supor que é possível uma boa compreensão marxista sem uma íntima ligação à acção política. Não te digo já isto com o objectivo de fazeres uma autocritica como um militante, que não podes ser com a desconfiança que mostras para com o Partido mas para que como democrata, consideres que deste um passo atrás e precisas de dar um novo passo à frente.

Junho de 1952